



OS SENTIDOS DE ERRÂNCIA EM SINHÁ VITÓRIA E MARIA DA FÉ,
PERSONAGENS DE GRACILIANO RAMOS E JOÃO UBALDO RIBEIRO

THE STRAYING AWAY SENSES IN SINHÁ VITÓRIA AND MARIA DA
FÉ, CHARACTERS IN GRACILIANO RAMOS AND JOÃO UBALDO RIBEIRO

Mara Rubia Oliveira Goulart¹

Recebimento do texto: 24/03/2016

Data de aceite: 17/05/2016

RESUMO: A obra literária, seja prosa ou poesia, é um produto de arte que possibilita ao leitor estabelecer relações tanto entre obras do mesmo gênero quanto de outro. É bastante comum, principalmente nos estudos da Literatura Comparada, a observância de tais conexões entre muitos textos, seja pelo viés da semelhança ou da dissidência. A leitura literária depende muito do que pode estar veiculado a ela no momento da experimentação com o estético e com a (re)construção dos lugares vários de interpretação, de inferência. Se cada leitura pressupõe um ponto de vista, logo, nova interpretação sobre um objeto; sendo a subjetividade capaz de definir diferentes modos de expressar opiniões. O propósito é desenvolver uma leitura crítica capaz de apresentar possibilidades de interpretação, admitindo assim, novas etapas de significação em relação às duas narrativas escolhidas. Nessa perspectiva, o objetivo é pensar no diálogo que há entre as materialidades de dois grandes clássicos da Literatura brasileira: *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro. No entanto, é pertinente dizer que diante das duas materialidades, a intenção é estabelecer relações, mais propriamente sobre a construção literária das personagens Sinhá Vitória (em *Vidas Secas*) e Maria da Fé (em *Viva o povo brasileiro*) observando, sobretudo, como se materializa o sentido de errância nessas personagens, mulheres que vivem suas experiências de mundo, se deslocando por espaços do sertão nordestino.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Diálogo; Errância; Personagem.

ABSTRACT: The literary work either prose or poetry is an art product that allows the reader to establish relations among works such as the same genus as the other. It is quite common, especially in the study of comparative literature, the observance of these connections between many texts, either by the bias of the similarity or dissent. The literary reading depends on what can be conveyed into it at the moment of experimentation with the aesthetic and reconstruction of various stage of interpretation of inference. If each reading presupposes a point of view, soon a new interpretation about an object and being subjectivity is going to be able to define different ways of expressing opinions, the purpose of developing a critical reading is to be able to present possibilities of interpretation, admitting new stages of signification in relation to both chosen narratives. In this perspective, the objective in this sense is to think of the dialogue that exists between the materialities of two greats classics of Brazilian Literature: *Vidas Secas* (1938), by Graciliano Ramos and *Viva o povo Brasileiro* (1984), of João Ubaldo Ribeiro. However, it is pertinent to say that before the two materialities, the intention is to establish relationships, more properly on the literary construction of the characters Sinhá Vitória (*Vidas Secas*) and Maria da Fé (*Viva o povo brasileiro*) observing especially the question of how to materialize the sense of straying away in these characters, women who live their world of experience moving through spaces of northeastern backland.

KEYWORDS: Literature; Dialogue; Straying away; Characters.

¹Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) sob a orientação da Prof^a Dr^a Madalena Machado





Introdução

A obra literária, seja prosa ou poesia, é um produto de arte que possibilita ao leitor estabelecer relações, tanto entre obras do mesmo gênero, quanto de outro. Nesse sentido, Harold Bloom (1995) defende que as relações entre textos é um fenômeno intertextual e depende de atos de leitura e interpretação de escritores posteriores que buscam influências na tradição literária. É bastante comum, sobretudo nos estudos da Literatura Comparada, a observância de tais conexões, seja pelo viés da semelhança ou da dissidência. Muitos textos podem ter se constituído como resposta a um texto de criação literária anterior. Quanto às relações históricas de textos uns com os outros, Bloom afirma que esse diálogo pode significar não apenas um passar adiante, ou processo de transmissão benigna; é também um conflito entre gênio passado e aspiração presente, cujo prêmio é a sobrevivência literária ou a inclusão canônica. E assim, pelas literaturas o leitor pode ultrapassar as fronteiras de espaço e tempo para conhecer culturas.

Diante dessas considerações, este artigo apresenta uma investigação das relações nas materialidades de dois grandes clássicos da Literatura brasileira, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro. No procedimento de comparação, será exposto o diálogo existente em relação às posições das personagens femininas Sinhá Vitória, em *Vidas Secas* e Maria da Fé, em *Viva o povo brasileiro*. O objetivo será mostrar, pelas duas representações, os sentidos de errância, quando ambas vivem se deslocando em suas experiências de mundo no sertão nordestino. Para o estudo, a proposta é





utilizar como aporte, os teóricos Bakhtin (1998) e Harold Bloom (1995) e críticos da literatura como Antonio Candido, entre outros.

Ante o método de comparar as posições das personagens nas obras, a preocupação será cotejar os textos sem criar simples oposições entre autores e obras. Pelo contrário, o objetivo é presumir o raciocínio de Alfredo Bosi (1997), quando ele argumenta que “distinção não é oposição”, pensar sobre as diferenças, no caso, significa, acima de tudo, se orientar pelo que explica Bakhtin sobre a criação literária:

A língua do poeta é sua própria linguagem, ele está nela e é dela inseparável. Ele utiliza cada forma, cada palavra, cada expressão no seu sentido direto, isto é, exatamente como a expressão pura e imediata de seu pensar. Quaisquer que tenham sido as “tormentas verbais” que o poeta tenha sofrido no processo de criação, na obra criada a linguagem passou a ser um órgão maleável, adequado até o fim ao projeto do autor (BAKHTIN, 1988, p.94).

Escolher duas produções de grande valor literário como textos motivadores dessas reflexões, como a obra de Graciliano Ramos e de João Ubaldo Ribeiro é uma tarefa desafiadora, e sendo a subjetividade capaz de definir diferentes modos de expressar opiniões, a finalidade, enfim, é admitir uma leitura crítica capaz de novas etapas de significação em relação aos objetos de estudo.

Em nosso século, a literatura ocidental evoluiu pelos caminhos de um novo realismo, como resposta às crises sociais ocasionadas pela grande tensão econômica que surgiu em 1929, originando a “quebra” da Bolsa de Nova York. Em *O Romance Social Brasileiro* (1993), Benjamin Abdala Junior explica que nesse contexto a literatura centrou-se no registro da crise





do capitalismo e que veio a adotar, progressivamente, no decorrer da década de 30, um caráter antifascista. Diante desse conjunto histórico-cultural, constituíram, com idênticas inquietações sociais, as literaturas brasileira e portuguesa do período. Cronologicamente, primeiro a brasileira, e depois, próximo da Segunda Guerra Mundial, a portuguesa. Entre os brasileiros, surgiram Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo. Assim como os ficcionistas norte-americanos se manifestaram no Brasil, influenciaram fortemente o romance social português da década de 40. Na época da Segunda Guerra Mundial, Portugal estava fechado para a Europa onde se processavam as lutas, sob rigorosa repreensão da ditadura salazarista. Assim, as obras brasileiras circulavam praticamente de forma clandestina.

Essa tendência estabeleceu-se em Portugal, como em alguns outros países, sob a denominação do neo-realismo. No Brasil, esses autores foram considerados como regionalista tradicional, com uma linguagem artística moderna. A visão crítica predominante nessas produções marca o caráter social, representando problemas do país, e não característicos de alguma região. É uma literatura, portanto, que busca expressar a realidade de maneira realista, todavia com acentuada criticidade, visando modificar as estruturas sociais, políticas e culturais.

Graciliano Ramos vivencia esse contexto histórico cultural, momento em que surge como um escritor regionalista que engajaria contra a ditadura militar estabelecida em 1964. Filiou-se a um partido comunista e empreendeu severas críticas aos valores burgueses, produzindo assim uma literatura que denuncia muitos conflitos próprios do país, sobretudo, da região Nordeste, onde viveu.





João Ubaldo Ribeiro experiencia parte desse contexto, uma vez que nasceu em 1941, um pouco mais tarde do que Ramos. A partir de 1968, o escritor publica importantes escritos literários (romances, contos, crônicas e novelas infanto-juvenis) para a literatura brasileira no século XX. Entre essas produções, o romance *Viva o povo brasileiro*, lançado em 1984. Essa obra relê séculos da história do país, voltando o olhar para os quatro séculos de origem do Recôncavo Baiano, principalmente.

Antes de começar pelo estudo das posições errantes das personagens femininas, há de se considerar nos dois objetos literários uma diferença muito pertinente, que diz respeito ao nível de criação e ao procedimento estético de escrita de cada autor.

No entanto, essa singularidade inscrita na criação literária desses autores não interfere na riqueza e apuro no uso da língua(gem) para criação de suas artes. É pela articulação técnica que ambos coincidem coerentemente forma e conteúdo. Esses dois romances têm componentes que dialogam com cânones de diferentes épocas, porque se constituem como lugar possível de desvelar um universo de padrões morais, sociais e comportamentais. Tanto *Vidas secas* quanto *Viva o povo brasileiro* são obras que cumprem exemplarmente um projeto literário equivalente aos dos maiores escritores do Ocidente. Escritas em estilos diferentes entre si, e que de modo sensível, expressam o essencial dos dramas humanos, a questão de identidade do povo brasileiro.

Cumprindo-se pelo estilo, o propósito de cada esteta, seja por narrativa longa, como a de João Ubaldo Ribeiro, ou pela curta como a de Graciliano Ramos, ambos confirmam-se como observadores da alma humana e da sociedade brasileira na ocasião de diferentes contextos históricos. E considerada a trajetória incomum de êxito na crítica sobre os





escritos criativos, a imaginação e questionamentos deles, é possível considerar que Ramos e Ubaldo são literatos subversivos de todos os valores, assim como autores de obras canônicas ocidentais e um autor “... só entra no cânone pela força poética, que se constitui de uma amálgama: domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento, dicção exuberante” (BLOOM, 1995, p.36). Portanto, esses romances clássicos da literatura brasileira servem como fundamento de muitos conceitos, especialmente para educação cultural e sentimental do leitor.

Sobre os enredos das narrativas, é preciso se valer de forma respectiva, de pequenos resumos para situar o leitor sobre os enredos. A narrativa em *Vidas secas* conta uma história carregada de dramas acerca da vida difícil de uma família de retirantes que foge da seca, composta por Fabiano (marido de sinhá Vitória), sinhá Vitória, e os dois filhos do casal, chamados de “o mais novo” e o “mais velho”, além da cachorra baleia e um papagaio, animais de estimação que se integram ao grupo. Todo o enredo se passa em espaços do sertão nordestino, onde a condição de vida da família (e de seus animais) é a mais adversa possível. Eles vivem apenas como ocupantes temporários, transitórios moradores em fazendas alheias e abandonadas.

Vítimas das desfavoráveis condições climáticas do sertão; perambulam como transeuntes, caminhando de tempo em tempo por algumas regiões. Ora experienciam um ciclo de bonança, ora de miséria, situação instável que os fazem sonhar querendo viver na cidade. A retirada final deles para um centro urbano significa aos pais Fabiano e sinhá Vitória “um eldorado” em termos de qualidade de vida. Acreditam que lá, no grande centro, os filhos poderiam estudar. Essa abertura rumo à cidade produz um





efeito de expectativa positiva em todos, apesar de tal condição de partida parecer muito distante, muito esfumada e vaga, quase uma desesperança. E na ansiedade de um “porvir”, cuja esperança é a de encontrar um lugar na cidade, onde não tenham que viver ciclos de miséria como no sertão nordestino.

Viva o povo brasileiro revela passagens heroicas e cômicas; acontecimentos históricos como a revolta de Canudos e a Guerra do Paraguai, entre outros temas como: a catequização dos índios, a invasão holandesa no processo de colonização, a independência da Bahia, o regime escravista e suas consequências, sobretudo para os de origem africana, etc. Assuntos tratados no material deste romance metaforizam a construção da identidade nacional brasileira sob diferentes perspectivas. Enquanto em *Vidas secas* todo o enredo se passa no sertão, em *Viva o povo brasileiro*, a maior parte do enredo tem o sertão como cenário: várias partes do recôncavo baiano (Ilha de Itaparica), mas a trama se passa também em outros lugares como o Rio de Janeiro, Lisboa e São Paulo. São espaços, onde várias personagens se sobressaem. Perilo Ambrósio Góes Farinha (Barão de Pirapua), Amleto Ferreira, Maria da Fé, Patrício Macário, Vevé, Nego Leleu e Vú, são alguns personagens de descendências: negras, índias, portuguesas, holandesas. Eles têm nas suas identidades, a miscigenação de raças fundantes do povo brasileiro.

Sobre a configuração da errância nas personagens Sinhá Vitória e Maria da Fé, o importante, nesse sentido, é analisar a coerência de cada personagem nas obras, “na condição de compreender e de sentir, pela identificação mental com uma posição construída, a singularidade dessa posição e daquele que a ocupa” (BOURDIEU, 1996, p. 14 e 15). Por isso, é pertinente observar a “singularidade da experiência” dessas personagens e





compreender como se subjetivam, quando estão em viagens errantes por tempos e cenários diferentes.

A configuração dos efeitos de errância na vida de sinhá Vitória e Maria da Fé acontece como uma pulsão necessária a elas. Delineiam seus caminhos pelo sertão com atitudes muito próprias e marcantes, providas de muita resistência. As imagens literárias construídas para essas personagens as simbolizam como mulheres fortes, determinadas diante dos seus ideais. Têm perfis de heroínas capazes de transformar a própria história e a de outras pessoas.

A errância é um fato que se expressa com muita frequência na contemporaneidade, fenômeno que leva muitas pessoas a perambularem sem destino por muitos lugares do país e do mundo, tornando-se errantes nas suas experiências de vida. Esse conceito é traduzido pelo conteúdo de diversas narrativas na história da humanidade, como explica Olivieri-Godet (2010). Na literatura, o conceito de errância vem explicitamente com Albert Camus (*O estrangeiro*, *A peste*) e Franz Kafka (*O processo*, *O castelo*, em quase toda obra dele). Algumas errâncias têm caráter positivo, porque acontece como experiência espontânea, levando a uma desterritorialização de pertencimentos enraizados; outras ocorrem como desenraizamento involuntário, como efeito de determinado modelo social que tem desenvolvimento excludente, gerando desigualdades sociais e miséria na vida de muitas pessoas.

De qualquer forma a errância é muito simbólica. Nas suas múltiplas configurações moduladas, ela significa o modo de existência de muitos cidadãos, cujo modo de vida contrapõe situações idealizadas pelo imaginário social, emergindo figuras de pessoas que se deslocam por tempo e lugares diferentes do mundo. São vários os fatores que desencadeiam essa





condição de errância: o desemprego, a pobreza, as drogas, a vontade de se sentir em liberdade, problemas familiares, a globalização, etc., situações que levam o ser humano a viver uma condição de desenraizamento sem precedentes. A errância, enfim, pode ocorrer tanto no espaço geográfico, quanto no social e psicológico. Entre outros motivos, são muitas as relações humanas que se deterioram, principalmente por causa de questões econômicas.

Em *Vidas secas*, o lugar da ação é o sertão. A paisagem rural é o cenário onde acontece a errância da personagem Sinhá Vitória e sua família. O escritor se articula aos olhos do leitor com muita coerência e força da palavra organizada. Começa a narrativa com um narrador em terceira pessoa, denunciando logo no primeiro capítulo, intitulado de “Mudança”, um dos piores dramas humanos: a fome “Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2010, p. 9). Sinhá Vitória se encontra num sem-lugar ao lado do marido “(...) sina dele era correr o mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem” (RAMOS, 2010, p. 19). Com esse conteúdo de efeito questionador, Graciliano, chama a atenção do leitor para um grande problema social que ocorre em certas regiões brasileiras, principalmente, nas do nordeste. Pela linguagem ficcional problematiza questões sociais, políticas, culturais e econômicas direcionando o olhar do leitor, sobretudo, para a realidade do povo nordestino.

A imagem criada para o leitor localizar o espaço no romance é a de um local ermo, tão longe onde não “há acontecimentos, há apenas o “ordinário” que se repete. O tempo é privado do curso histórico progressivo, ele se move por círculos: o círculo do dia, da semana, do mês, de toda a





vida” (BAKHTIN, 1998. p. 353). O emprego desse cronotopo se familiariza com o procedimento de criação de grandes realistas, como Stendhal e Balzac, explica Bakhtin. Para o filósofo, a competência desses escritores (Balzac e Stendhal), por exemplo, em ver o tempo no espaço era extraordinária, quando criavam o lugar de interseção das séries espacial e temporal nos seus romances. O leitor pode observar essa variante do tempo no espaço funcionando em *Vidas secas*, porque esses elementos são os geradores do enredo no romance.

Em *Vida secas* “o tempo é enfadonho, espesso, rasteja no espaço”. É nesse lugar de interseção que acontece a rotina da personagem. Diariamente Sinhá Vitória, à frente do seu grupo, se atormenta diante de complicações adversas causadas pelas severas secas que assolam os lugares por onde a família circula, “Os infelizes tinham caminhado o dia todo, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2010, p.9). Todos os sobreviventes da seca andam miseravelmente a esmo pelo sertão: “a caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso, salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo dos urubus fazia círculos altos em redor dos moribundos” (RAMOS, p. p. 9-10). O movimento circular das aves, símbolos de morte, também significa a manutenção da rotina circular sem mudança. Sempre à espreita da morte, os abutres voam em círculos em busca de alimento putrefato. Alojados em terras alheias, todas as complicações giram em torno do tempo e espaço. As dificuldades, o sofrimento da família de errantes, sem identidade, também se dão de forma cíclica e ordinária, porque as peripécias da narrativa estão ligadas às particularidades locais do lugar em que vive os retirantes.

Nesse sentido, o romancista faz o leitor pensar as causas da errância de muitos nordestinos, que sem perspectiva, se mudam para outras localidades do país ou se deslocam para outras regiões dentro do mesmo





estado. A errância de Sinhá Vitória com sua família pode ser associada também à condição de outros grupos. São milhares de pessoas errando pelo país e pelo mundo em busca de melhores condições de vida. É muito recorrente o número de pessoas que não tem onde se estabelecer como: posseiros, andarilhos em estradas, moradores de rua, etc. Diante da denúncia desses sintomas recorrentes da desigualdade social, os quais poderiam ser resolvidos por uma transformação social, cabe ao leitor, portanto, ter consciência dos problemas locais e gerais, como esses que Graciliano Ramos acusa para dar sua contribuição.

Daí a importância do discurso literário, porque abre precedente para o leitor pensar sobre este lado da literatura, enquanto instrumento poderoso de instrução e educação, como declara Antonio Candido (1995). No caso, Graciliano Ramos, com muito rigor artístico, problematiza e toca no cerne de uma questão muito dramática para o ser humano: a fome, ponto central de discussão da obra. Com linguagem muito apurada, sem rodeios, extrema concisão e muito teor estético, Ramos apresenta, principalmente como ponto de reflexão uma questão essencial como a negação dos direitos humanos. Visto a coerência do autor, é justamente pela forma que esse conteúdo ganha maior significação aos olhos do interlocutor. Antonio Candido (1995), fala desse efeito humanizador próprio de toda obra literária, pois “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 243). É pela dialética da forma que o narrador coloca de maneira crua a realidade social, econômica, cultural, entre outros aspectos da vida de Sinhá Vitória.

O narrador mostra reiteradamente os males que um ser humano pode experimentar numa situação de isolamento social, sem orientação para





objetivos. É mais pelos pensamentos que ela articula os sentidos de suas ações e realizações como algo que possa organizar e dar alguma significação geral a seus atos de rotina: “Ordinariamente a família falava pouco [...] viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” (RAMOS 2010, p. 11). Essas personagens representam muitas pessoas que buscam a sobrevivência dia após dia. Desestabilizada pela incerteza do amanhã, Sinhá parece viver uma condição de fluidez e errância tanto no nível externo como no interno. Não erra apenas no plano geográfico, mas através do devaneio, erra no plano psicológico, exatamente para possibilitar o conhecimento de outra realidade. O narrador examina suas virtudes e vícios, “Baleia [...] chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas sinhá Vitória não queria saber de elogios. [...] Deu um pontapé na cachorra, que se afastou com pensamentos revolucionários” (RAMOS, 2010, p. 9). Baleia recebe a vingança de Sinhá, devido sua grande insatisfação com o mundo.

Na literatura de Ramos o leitor tem encontro com personagens representativas do povo, cidadãos destituídos em seus direitos básicos. No entanto, ao dar forma à personagem de sinhá, o literato expõe muitos fatos invisíveis aos olhos de muitos leitores. São sentidos de um país real que retratado pela palavra ficcional. Pela construção da vida dessas personagens de *Vidas secas*, todas sem muitas palavras ou expressão, Graciliano focaliza sérios problemas sociais de seu tempo. Pela arte literária faz duras críticas, acentuando as diferenças sociais resultantes de intensa oposição ideológica, como afirma Abdala Junior. Graciliano Ramos não mistifica a realidade social, embora acredite que os problemas possam ser resolvidos, tanto que a configuração da personagem sinhá Vitória metaforiza o povo que sempre acredita na possibilidade de mudança. Apesar de sentir angustiada, mesmo





no entre lugar da imaginação e realidade, é uma mulher capaz de aspirações, por isso enfrenta as batalhas cotidianas sonhando em dar à vida de todos um tom de felicidade.

A leitura de *Vidas secas* instiga o leitor a ponderar que o narrador-escritor tem uma consciência que problematiza a existência de um sistema que simboliza a exploração das classes desfavorecidas economicamente e socialmente. Simplesmente sob a ótica do poder dominante as pessoas pobres até podem morrer de fome. Diante de tantas condições desfavoráveis, no cotidiano, é a coragem de cada indivíduo diariamente que vem contrariar a ironia do destino, caso da família dos retirantes. “Na resistência de cada dia” buscam sair da miséria fugindo de tempo em tempo de lugares ermos, afastados da “dita” civilização, localizados em regiões do nordeste do Brasil.

O modo inconformado de pensar e agir de mulher resiliente estabelece a diferença constitutiva da identidade de Vitória em relação ao comportamento do marido. Aos olhos de Sinhá as coisas devem mudar, por isso “Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas.” (RAMOS, 2010, p.40). Ao contrário, Fabiano se apresenta bastante conformado com a vida que leva, tanto que “- Fabiano, que não esperava, semelhante desatino apenas grunhira: ...” (RAMOS, 2010, p. 40). Mas, mesmo diante das circunstâncias desfavoráveis, o olhar de Sinhá encontra perspectivas de transformação no tempo futuro.

Muitas dessas perspectivas são sentidos que circulam apenas no seu plano psicológico; são saberes que constroem a relação de Sinhá Vitória com o mundo que a cerca. Há pouquíssimos diálogos entre as personagens, e quando existem, são curtos, indicando que entre as personagens há pouca





interação inteligível do ponto de vista da língua. É mais por monólogos interiores que Sinhá mostra mais claramente ao leitor o seu perfil.

Em *Margens do texto* (1993), Benjamin Abdala Junior fala sobre a forma concisa de escrever de Graciliano Ramos. Ele afirma que o escritor não gostava de “enfeites”. Buscava cortar sempre os excessos nos textos, procurando sempre a essência de uma expressão sóbria. Apenas repetindo o que explica Abdala Junior, seus temas pediam um texto incisivo, porque a realidade que imaginava assim se expressava. Com esse procedimento, procurava harmonizar a forma do romance aos temas duros, secos e cortantes da realidade que representava de maneira objetiva.

A maneira de pensar a realidade dramática, própria de Ramos, é inscrita em todo o romance, cujo drama fala de personagens sertanejas humilhadas pela falta de dignidade humana. Desterritorializadas, elas se valem de estratégias de resistência quando, em círculos, andam em busca da sobrevivência. É possível pensar que a pulsão errante simbolizada por Sinhá e família tem sido uma condição que modo geral, vem estruturando a vida social de muitas pessoas na contemporaneidade.

Sobre errância, Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro* (1995), afirma que nós brasileiros, desde a colonização somos “um povo até hoje, [...] na busca do seu destino, estamos abertos para o futuro” (RIBEIRO, 1995, p. 447). Nessa perspectiva, o autor afirma que nunca houve, entre os brasileiros, um conceito de povo, englobando todos os trabalhadores e atribuindo-lhes direitos, porque nem mesmo o direito elementar de trabalhar para se nutrir, se vestir, bem como morar, não é garantido, dilema muito bem expressado por Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, cujas personagens giram em círculo, buscando a subsistência.





É justamente essa a realidade tão opressora dramatizada em *Vidas secas*, que a personagem Maria da Fé, em *Viva o povo brasileiro*, busca transformar. Por isso, a construção dessa personagem tem configuração em torno de outros sentidos. Suas complicações se dão por motivos bem diferentes daqueles que levam Sinhá Vitória à condição de errante, mesmo que ambas, de forma coerente, tragam marcas indeléveis de resistência e de resiliência. Maria da Fé reflete a identidade de mulher independente pelo pensamento, apesar de Sinhá Vitória ser diferente da heroína ubaldiana, ela também deseja vivenciar experiências diferentes, tem ânsia de criar um novo mundo para seu grupo.

Talvez o tratamento dado por Graciliano Ramos à construção da imagem de Sinhá Vitória, possibilita ao leitor criar, num olhar desatento, uma imagem de aparente submissão sobre ela, porém Sinhá Vitória tem posição central na narrativa. Ela atua como porta-voz de todos, sempre expressa opiniões, decidindo o destino da família a cada dia. Maria da Fé, ao contrário de Sinhá, lidera um grupo de guerrilheiros, e junto a eles trava grandes batalhas, lutam contra outro tipo de miséria, não no nível da fome, mas no plano da miséria moral. Refutam o comportamento de seres humanos incapazes de se indignar com as iniquidades sociais que produzem terríveis formas de miséria em todos os níveis. A popular heroína Dafé, endurecida no desejo de combater injustiças, se articula com astúcia sem igual, nela tudo é pulsante, vivo.

Em cruzadas revolucionárias militares pelos direitos de excluídos, como metaforiza as personagens em *Vidas secas*. Segundo Candido, essas iniquidades são um efeito da contradição da revolução industrial. Na medida em que permitiu grandes progressos, com os mesmos meios, provocou a degradação da maioria, pela péssima repartição da renda. Em certos países,





como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza de uma pequena parte de pessoas, mais aumenta a pobreza de outras na sociedade. Situação que reflete o caso da família de retirantes, isolada socialmente nos recônditos do sertão, esquecidos pelo poder público, exemplos de brasileiros excluídos de todos os direitos como cidadão.

O leitor tem conhecimento da personagem Maria da Fé, através de um narrador que fala em primeira pessoa. Ele se desarticula de sua posição para falar nessa personagem significando-a como elemento coletivo na narrativa, ela representa o povo brasileiro. É uma personagem que se identifica com as representações culturais, sociais, filosóficas e étnicas do seu grupo, como implica a própria fusão de culturas que há no país. Maria da Fé é uma representação que sintetiza toda a cultura formadora do povo brasileiro, porque nela temos a pluralidade étnica brasileira. Sua miscigenação se justifica pela seguinte genealogia: Maria da Fé é fruto de um estupro, tem como pai o Barão de Pirapuama e como mãe a escrava Vevé, por isso é seu avô Nego Leléu quem assume sua criação. Na meninice conviveu com Budião e Meirinha, negros da senzala do poderoso Barão, os quais arditosamente e sedentos de justiça envenenaram o tal barão numa ocasião. Vivendo em comunidade é escolarizada por Dona Jesuína, mestiça e pobre, a mãe renegada de Amleto Ferreira (guarda-livros do Barão), professora que lhe incute o amor à pátria, o respeito aos heróis e aos valores instituídos.

Além dessa formação, à medida que cresce, conta com os ensinamentos de Zé Pinto. É ele que lhe inculca a consciência de sua reminiscência. Seus antepassados eram resistentes à dominação e subversivos a ponto de se tornarem heróis que escrevem a própria história. Lutam reclamando direitos apagados pelos discursos registrados pela história oficial que supõe essa condição de povo: “Nós brasileiros [...]





somos um povo impedidos de sê-los [...] essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si mesmo, afundada na “ninguendade” (RIBEIRO, 1995, 447). Em oposição a esse tipo de pensar cristalizado pelo imaginário social, Maria da Fé, se insurge como uma revolucionária destinada a construir sua própria história em nome de um coletivo: “Entre eles havia uma mulher jovem, alta e fortíssima, a quem os outros chamavam de Maria da Fé” (RIBEIRO, 1984, 343). Coerente com os princípios da “Irmandade do Povo Brasileiro”, porque busca por identidade própria, autônoma, nacional – busca, enfim, um sentido de brasilidade.

Nas idas e vindas por Itaparica, cruza com Patrício Macário, por quem ironicamente se apaixona. Esse personagem é filho de Amleto, guarda-livros do Barão de Pirapuama. As próprias imagens do estilo de Amleto dão a saber ao leitor que ele representa a desintegração da personalidade, afetada pela desumanização capitalista. Macário, seu filho, é um militar do exército incumbido em combater e exterminar, a líder das batalhas revolucionárias, Maria da Fé, no interior do sertão. Patrício Macário é um representante do governo, investido do discurso da ordem (hierarquia) do poder público. Acredita que a disciplina é o meio de acabar com a resistência do corpo. Um poder constituído que se utiliza da sujeição de pessoas para determinados fins. Para Foucault (1997), filósofo francês, que exerceu grande influência sobre os intelectuais contemporâneos, esses processos de assujeitamento favorecem o poder disciplinar trabalhado pelo Estado. Organizado em diversas estruturas institucionais, esse tipo de poder se aparelha a partir dos padrões estabelecidos socialmente.

Em nome dos ideais da “Irmandade do Povo Brasileiro”, Maria da Fé, resiste astutamente a esse preceito do aparelho do Estado. Esse sistema arbitrário celebra acordos e pactos políticos incoerentes com seu modo de





subjetivação, sua oposição ao sistema pode ser vista nesse diálogo entre Maria da Fé e seu avô Leléu: “Que justiça? Mas homecreia, que justiça? [...] Justiça é uma palavra dos livros, isso que a justiça é” (RIBEIRO, 1984, 355). Seus ideais se chocam sem alternativas de reconciliação, logo rebate Leléu: “- É, mas vai ter justiça. Quem é que trabalha, não é o povo? Não é o povo que sustenta? Então é o povo que vai mandar”. [...] Leléu [...] ficou de queixo pendurado, achando que estava ouvindo alucinações” (RIBEIRO, 1984, 355).

Nesse romance, a heroína tem posição subversiva, por isso cumpre papel de oposição ao universo do poder dominante, como o que opera lá no mundo de Sinhá Vitória. Um mundo governado por disputas pelo poder político, num contexto de ditadura militar no Brasil, que durou 21 anos. Chamada por seus defensores de “Revolução” foi marcada pela ruptura do regime democrático, por forte centralismo e autoritarismo, pela cassação dos direitos políticos de opositores e pela violação das liberdades individuais. A violência utilizada nas lutas políticas regionais é marca indelével da política das oligarquias e dos coronéis, em quase todos os estados brasileiros.

A representação desse sistema que buscava ver o Brasil a partir de setores marginalizados se significa nesses registros de fala do narrador: povo e exército se enfrentam num desastre sangrento denominado de “A Derrocada do Baiacu”, “chamado assim pela História”. Uma “[...] catástrofe militar correntemente atribuída à desvaliada inobservância da ética de guerra por parte dos desordeiros, bem como o recurso a táticas de que jamais cogitaria um oficial decentemente formado.” (RIBEIRO, 1984, 374). Nesse trecho, o narrador aponta as tensões entre povo e governo. O aparelho ideológico do Estado funda o discurso de leis aplicadas por meio de diversas estruturas institucionais. São organizações que instituem direitos





e deveres perante o corpo social. A instituição do sistema judiciário-penal que produz as leis penais é o espaço legítimo do dizer no/do Estado, responsável pelos discursos jurídicos. O tenente Macário realiza seus processos de subjetivação pela “ordem disciplinar” e pelos discursos normatizados.

Nesse cenário, Maria da Fé, se significa em órbita diversa. Renega os ditames colocados em jogo pelo poder da disciplina, porque são os lugares de sujeição. Ela questiona os valores de uma sociedade que cerceia a individualidade. Sua postura ética a distância daqueles que ditam ordens aos subalternos. A resistência de Maria da fé se torna um empecilho para a ordem pública: “- São eles! São os homens de Maria da Fé disfarçados em soldados!” (RIBEIRO, 1984, p.374). Ela não recua e, assim, se significa coerentemente com sua posição ideológica.

Outro aspecto que o leitor não deve deixar de observar é que tanto Graciliano Ramos quanto Ubaldo Ribeiro apresenta uma estreita relação destas personagens com o ambiente, tanto em termos físicos como sociais. Sinhá Vitória e Maria Fé estão em constante movimento em espaços descritos pelo narrador. Essa circunscrição do ambiente organiza o cenário, onde ambas agem e expõem seus sentimentos. Como elementos fundamentais, o espaço (o meio) e o tempo (o momento) criam a atmosfera propícia ao acontecimento de um fato ou à revelação de um sentimento.

A experiência errante das personagens em *Vidas Secas* e *Viva o povo brasileiro*, em suas jornadas épicas, se configura de modos diferentes: no caso de sinhá Vitória, uma tentativa de sobrevivência, e Maria da Fé da afirmação de identidade. Nas duas narrativas a dinâmica de errância posta em funcionamento se define pela contradição instaurada por diferentes lugares ideológicos que circulam na sociedade. Há relações de poder em





funcionamento na coletividade resultantes do imaginário social, cujos significados se materializam de maneira diferente para cada grupo social. Essas relações são forças determinantes para uma história cheia de injustiças sociais como as expressas nos romances comparados.

Ao correlacionar a característica de cada personagem é possível afirmar que Sinhá Vitória e Maria da Fé são símbolos de heroínas que descontrolam convenções tradicionais. Exemplarmente símbolos de resistência são mulheres que erram por terras de origem na busca de novas oportunidades, sempre impulsionadas em lutar pelos ideais de afirmação da identidade do povo brasileiro. Em *Teoria do romance* (2000), Georg Lukács, explica como o texto ficcional reconduzem as vozes sociais e aquele que narra não utiliza fatos como meros dados, assim [...] os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção.

O romance [...], “existe porque outros mundos podem existir – alternativas para especuladores burgueses, errantes, exilados” (SAID, 2003, p.p. 54-55). Pela criação artística, portanto, é possível que o leitor se reconheça, compreenda a si mesmo, o mundo e tudo mais que o cerca. Por isso, a construção literária dessas personagens, pela forma estética, expressa outro sentido de brasilidade para o povo brasileiro repensando sobre uma nova condição “em ser” povo brasileiro. A visão analítica predominante nessas produções assinala para o caráter social, imaginando problemas brasileiros e específicos de determinadas regiões. Os autores escrevem de uma forma que conscientize o leitor de que o povo se origina de todas as camadas sociais, e não apenas na camada nobre, como mostra a historiografia oficial.





Por meio desses romances de material bem elaborado, tanto na forma quanto no conteúdo, Graciliano Ramos e João Ubaldo Ribeiro organizam claramente um discurso que dialoga com e/ou sobre os valores civilizatórios da sociedade brasileira. Os escritores provocam o leitor propondo a linguagem literária como forma de criticar ou denunciar problemas de várias ordens para contribuir para a suas soluções, escutando a voz da memória social, individual e coletiva. Vozes que dizem muito sobre a importância de o povo compreender como constitui a formação da nação, porque a identidade de um povo é um valioso patrimônio a salvaguardar.

Referências

- ABDALA, Benjamin. **Romance Social Brasileiro**. In: Margens do Texto. São Paulo: Scipione, 1993.
- ADORNO, Theodor W. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. In: Notas de Literatura I. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Ática, 1993.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis – A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance**. São Paulo: Unesp-Hucitec, 1998.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- _____. **Os estudos literários na era dos extremos**. In Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras 1995.





- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura**. In Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 235-249.
- _____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um capítulo histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MACHADO, Madalena. **A Literatura de Ricardo Dicke: Intervenções Críticas**. São Paulo: Arte e Ciência, 2014.
- OLIVIERI-GODET, Rita. **Errância/migrância/migração**. In: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- PERRONE-MOÍSES, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. 21ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A, 2001.
- _____. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SANTIAGO, Silviano. **O narrador pós-moderno**. In: Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

